

UMA "ILHA" BORÔRO NA TOPONÍMIA BRASILEIRA

CARLOS DRUMOND

Os estudos referentes à Geografia Linguística não tiveram ainda, em nosso país, o desenvolvimento que seria de desejar. Já se conhece alguma coisa a respeito dos nomes geográficos de origem tupi-guarani, cuja presença é tão marcante em muitas regiões brasileiras, notadamente na Amazônia e no território paulista. Mas o campo é vastíssimo e continua a desafiar a competência dos especialistas no assunto.

O ensaio preliminar, que se vai ler, focaliza um aspecto que ainda não fora realçado com o destaque que bem o merece: a existência de uma verdadeira "ilha" borôro dentro da abundante nomenclatura geográfica brasileira. Seu autor — o Dr. CARLOS DRUMOND, licenciado em Geografia e História, é o I.º assistente da cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Uma explicação. — Contingências diversas, principalmente de ordem histórica, têm levado os cultores da toponímia brasileira, no atinente às denominações ameríndias, a voltar sua atenção quase que exclusivamente para o vocabulário geográfico de procedência tupi-guarani. Trabalhos feitos com o objetivo de salientar a influência de outras línguas na nomenclatura geográfica do Brasil são pouquíssimos.

Foi com o conhecimento pleno desta situação que atendemos, ao mesmo tempo com satisfação e temor, ao pedido do Prof. Dr. Aroldo de Azevedo, catedrático de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, para elaborarmos algumas notas a respeito da ocorrência de designativos *borôros* na toponímia brasileira. Satisfação, porque nos deu ensejo de contribuir, ainda que modestamente, para esta tão pouco cultivada esfera da toponímia; temor, em face da nossa ignorância, quase total, da língua falada pelos índios *borôro*.

Iniciamos, assim, nossas primeiras pesquisas convictos de que não nos seria possível dar o preciso desenvolvimento, nem aprofundar as investigações tanto quanto desejávamos.

Antes do mais procuramos, na medida do possível, ampliar um pouco nossos escassos conhecimentos do *borôro* através o estudo das obras de Colbacchini, Rondon e Basílio de Magalhães. Embora assim procedêssemos, estamos certos de que não nos foi possível realizar trabalho isento de falhas. Conforta-nos, apenas, a certeza de termos procedido com a maior honestidade, não fantasiando interpretações, e de ter podido fornecer alguns elementos capazes de servir a outros e melhores investigadores.

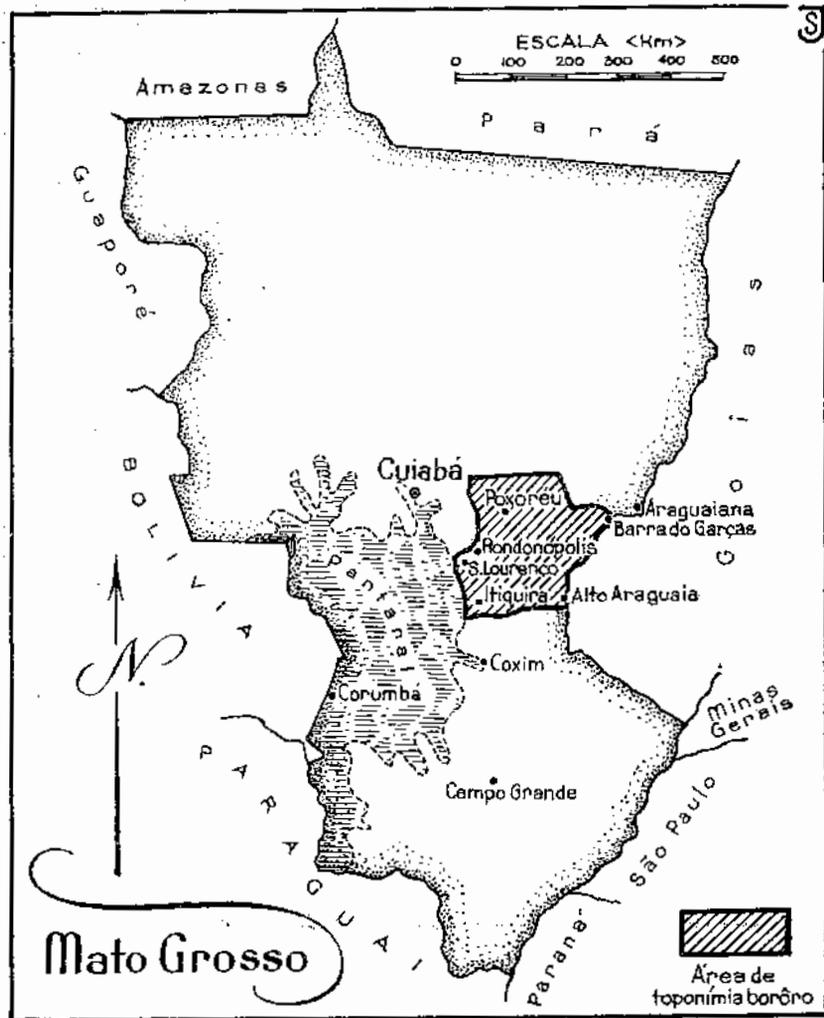
Por estas razões é que, desde as primeiras linhas, os leitores irão deparar com as locuções: "parece-nos", "é possível", "supomos", e outras similares, a atestar as nossas dúvidas e para evitar afirmações dogmáticas, sempre altamente perigosas. Afirmações positivas sómente aparecem quando apoiadas na opinião dos autores por nós consultados, dignos de toda confiança.

Outro fator que nos levou à elaboração destas notas, além do inicialmente apontado, foi o desejo de aproveitar os topônimos quase integrais, isentos dos fenômenos de deturpação, que fatalmente os atingirão com o decorrer do tempo. É imprescindível, sem dúvida, que se estudem, o mais rapidamente possível, os nomes de localidades, especificamente os de origem indígena, pois, como já o dissera Teodoro Sampaio, em *O Tupi na Geografia Nacional*, as "denominações geográficas explicáveis e naturalíssimas em determinadas épocas, serão para as gerações vindouras verdadeiros enigmas que as alterações quotidianas ou as inevitáveis corruptelas vão tornando indecifráveis".

Os topônimos registrados na *Carta de Mato-Grosso e regiões circunvisinhas* (recentemente publicada pelo Ministério da Guerra e de autoria do general Jaguaribe de Matos), ao que nos parece, apresentam-se em sua maioria grafados corretamente, o que facilitou grandemente a tarefa de interpretação. O mesmo, porém, já não ocorre na *Folha de Corumbá*, publicada pelo Conselho Nacional de Geografia, onde, em confronto com os designativos registrados pela antecedente e de acôrdo com os informes de Rondon e Colbacchini, muitos dos topônimos estão sensivelmente deturpados.

Examinadas segundo este princípio, além do interêsse que o estudo da toponímia representa sob qualquer aspecto (histórico, geográfico, linguístico, etc.), não há dúvida de que estas notas não deixarão de ser de alguma utilidade aos que se interessam pelo assunto.

Os topônimos foram coligidos nas cartas geográficas já citadas, bem como nas obras de Colbacchini, Basílio de Magalhães e Rondon, que aparecem referidas mais além. Sua área de distribuição, como se vê no mapa anexo, é bastante extensa, indo de aproximadamente



Área de toponímia borôro no Estado de Mato-Grosso
(Mapa do prof. João Soukup)

15.º a 18.º de latitude sul, e de cerca de 52.º 30' a 55.º 30' longitude oeste. Coincide, em linhas gerais, com o antigo território de caça dos *Borôro*, conforme as informações de Herbert Baldus: "No meado do século passado, o território de caça destes índios estendeu-se do Rio Paraguai até perto da cidade de Goiás e do Rio das Mortes até perto de Miranda, por conseguinte de cerca de 50.º 30' a 57º 30' de longitude oeste e de cerca de 15.º a 20.º de latitude sul. Supoz-se até agora que os *Borôro* não tivessem chegado tanto ao sul, mas os Tereno que moram nos arredores de Miranda contaram-me que, as hordas de *Borôro* chegavam às suas aldeias, não lhes fazendo, porém, guerra, porque, como dizia o velho chefe Tereno Nalikí, para explicar essa inclinação à paz: "*Borôro* é muito selvagem e não fica" (*). Hoje, êste território diminuiu grandemente, repellidos que foram a este, oeste e sul pelos brancos, e ao norte pelos índios a que eles dão o nome de *Caiamo*.

*

1 — **Acogaiguro** — Com êste nome estão registrados na C. M. G. (**) dois córregos — *Akogaiguro* e *Acogaiguro* — ambos descendo do planalto em direção ao Pantanal. Um deles (*Acogaiguro*) deságua no Rio Peixe de Couro.

Parece-nos que *acogai* é deformação de *acogoi* (*akkogo-i*, *acôgo-i*), designativo da árvore do tarumã, o tarumeiro. *Guro* ou *guru*, ou ainda *kuru*, é sufixo de uso corrente na formação dos coletivos (especificamente no caso de vegetais), significando coleção, agrupamento. P. ex. *noakodd'i* "cedro"; *noakoddiguru* "bosque de cedros"; *batoi* "mangabeira"; *batoi-guru* "bosque de mangabeiras" (1). Nos nomes de líquidos em geral também aparece o mesmo sufixo. Exs.: *mo-kuru-kuru* "líquido dos peitos" (leite); *todo-guru* "saliva"; *ioen-guru* "lágrimas"; *ka-guru* "gordura", azeite, óleo"; *kiddo-guru* "resina", etc. (2)

2 — **Adugojáu** — No mapa anexo ao trabalho "Os Borôros Orientais" (3), à margem direita do Rio das Mortes, há um afluente denominado *Adugodogejau*. Em outra carta geográfica, incerta em trabalho do mesmo autor (4), êste mesmo rio foi registrado sob o nome de *Adugoiáu*.

Adugo (*addugo*, *aduguo*) é o designativo, em borôro, da onca pintada. *Jáu* (*idau*, *ieáno*, *idau*, *idó*, *jáu*, *ánu*), sufixo que dá idéia de morada, estadia,

(*) BALDUS, (Herbert) — *Ensaios de Etnologia Brasileira* — Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasileira, Série 5.ª, vol. 101, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1937, V. p. 112.

(**) C.M.G. — *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas* — Organizada e desenhada no Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso (Ministério da Guerra — Estado Maior do Exército) sob a direção geral de S. Ex. o Sr. Gen. de Div. Cândido Mariano da Silva Rondon e direção gráfica executiva do Gen. Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos — Projeção Policônica Americana — Escala — 1:1.000.000, 1952. Utilizamos da "Folha n.º 6".

(1) COLBACCHINI, (P. Antônio) e ALBISETTI, (P. Cesar) — *Os Borôros Orientais (Orarimogodoguo) do Planalto Oriental de Mato Grosso* — Biblioteca Pedagógica Brasileira — Brasileira — (Grande formato), Série 5.ª, vol. 4, Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1942.

(2) Idem, p. 284.

(3) Idem, V. mapu entre pp. 28/29.

(4) COLBACCHINI, (P. Antônio) — *A Luz do Cruzeiro do Sul — Os Índios Borôros-Oriais do planalto Oriental de Mato Grosso e a Missão Salesiana* — "Impressões" — Escolas Profissionais Salesianas, S. Paulo, 1939.

lugar, sítio. P. ex.: *bircu*, o falecido, o morto; *birengue-jáu*; o lugar dos mortos, o cemitério. Na hidronímia, à semelhança da partícula *po* ou *pôbo*, *jáu* é traduzido por água, rio, córrego. *Adugojáu* será então: o rio da onça, o pouso, a mecrada da onça. A forma *adugodogejáu*, que aparece no citado mapa de Colbacchini, é simplesmente o plural de *adugojáu*. Deve ser traduzido por sítio, pouso ou rio das onças, pois *dóge* ou *dogue* é o sufixo de ordem genérica para a formação do plural dos nomes.

3 — **Adugojáre** — Córrego, afluente da margem esquerda do Rio Itáquirá. *Adugo*, v. n.º 2; *jóre* ou *jári*, significa buraco, casa, cavidade; riacho na pedra. *Adugojáre*, buraco da orça; fuma da onça.

4 — **Aigeri** — Topônimo citado por Colbacchini como designativo de certo lugar no alto Rio Vermelho ou Pogubbo'.

Aige (*aigge*, *aidge*) é, na mitologia dos índios borôro, um animal fabuloso de grandes proporções. Estes ameríndios, em presença de gravuras que lhes foram mostradas pelos missionários salesianos, identificaram-no com o hipopótamo. A este propósito, são dos mais interessantes os esclarecimentos dados por Colbacchini: "*Aige* é um grande quadrúpede aquático que os índios representam durante os ritos fúnebres e descrevem-no como se fosse um hipopótamo. É de notar-se que chamam de *aige* o hipopótamo que vem nas ilustrações dos livros de zoologia. Lembramos que um grupo de jovens borôros reconheceu imediatamente o *aige* num hipopótamo africano visto no jardim zoológico de Buenos Aires. Todos os índios afirmam a existência do grande mamífero que viveria nos maiores rios da região por eles habitada. Nunca nos foi possível vê-lo e não tivemos ocasião de verificar se se trata realmente de um hipopótamo. Como se sabe, não se encontrou ainda o hipopótamo em o novo continente; todavia a vasta região inexplorada do planalto de Mato Grosso e Amazonas pode reservar surpresas, mesmo zoológicas. *Aige* significa também uma taboinha romboidal de madeira, tendo diferentes larguras, de 30 cm. a 1 m., que se prende com um cordão à extremidade de uma vara. Agitando-se circularmente e com velocidade a vara, obtém-se um som semelhante ao da sereia, o que indica a chegada do *aige* na aldeia. Estes pedaços de madeira são pintados de vermelho e preto. As várias dimensões, a cor e o desenho servem para figurar os diversos *aige*, o macho, a fêmea, os filhos, etc" (5).

Parece-nos fóra de dúvida ter sido o porte avantajado do hipopótamo que levou os borôro a identificá-lo com o seu *aige* lendário. Basta atentarmos para a lenda da origem do *aige*, transcrita em seguida, para que esta assertiva tenha plena confirmação: "... um tal *Rubugu*, do clan dos *Paíroo*, achou um animalzinho bastante pequeno e curioso, que, levado para sua casa, foi colocado num recipiente cheio de água, para criá-lo, e, à medida que crescia, punha-o em um vaso proporcionado, até que cresceu tanto que não havia coisa que o pudesse conter. *Rubugu* então o mostrou a vários amigos do clan dos *Aroroo*, e estes, com a desculpa que os *Paíroo* não tinham ornamentos e cantos para honrar o *aige*, tomaram-lho e se tornaram seus possuidores. Levaram-no a uma lagoa, cercada de pântanos, lugares intransitáveis pela abundante e intrincadíssima vegetação e lhe disseram que ficasse lá, porque aqueles lugares eram próprios para ele. Os *Aroroo* pensaram e pensaram nos cantos e ornamentos do *aige* e prepararam coisas espetaculosas" (6).

Basilio de Magalhães afirma que por *aidge* (sic), os borôro, além das referidas taboinhas zunidoras (chamadas "berra-hoi" pelos brasileiros), designam "um animal fantástico do rio, que dizem ser como uma anta". (7)

(5) COLBACCHINI - *Os Borôros Orientais*, obra cit., p. 52, nota 1.

(6) Idem - p. 255.

(7) MAGALHÃES, (Basilio de) — *Vocabulário da Língua dos Borôros* — *Colectânea do Estado de Mato Grosso* — In *Revista de Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Vol. 12, (na antiga numeração: Tomo 83), Rio de Janeiro, 1919.

Como está evidente, são sempre animais de grande tamanho que os borôro identificam com o *áige*.

5 — **Apojáu** — Córrego, afluente da margem esquerda do Ribeirão *Jortiqui*.

Parcece-nos derivar de *ápo* ou *ápu*, paca e *jáu*, rio. Na C. M. G. foi grafado *Apoiau* e na F. C. (*) *Apolau*.

6 — **Araroejáu** — Ribeirão, afluente da margem direita do Rio *Pogubbo*. Rondon grafou *Arároejáuo*. *Arároe* é o nome borôro do peixe piraputanga. *Jáu*, v. n.º 2. *Araroejáu*, rio das piraputangas. Colbacchini registrou *ararociao*, indicando apenas "afluente do Pogubbo". Não temos dúvida de que se trata do mesmo rio, cujo nome foi grafado de maneira diferente. Para o peixe piraputanga, este autor dá o nome *araro* (*araro* — piraputanga menor; *araro-immoreu*, piraputanga maior). Na C. M. G. e em Basílio de Magalhães, o nome deste rio foi grafado *araveau*. Com esta mesma designação encontramos ainda, na C. M. G., um afluente do Córrego *Piebága* e um afluente do Rio Correntes. Na F. C., o nome do afluente do *Piebága* (na Carta está *Piaboga*) foi escrito *Ariariáu*.

7 — **Arigúia** — Córrego. Supomos que *Arigúia* deve ser *arigúia*, de *ari*, nome de um marmelo silvestre (também conhecido por marmelo de espinho) ou, ainda, nome de uma figueira, e o sufixo *gúia* (V. n.º 1).

8 — **Ariejáu** — Rondon, grafando *Ariciáuo*, assevera ser este o nome que os borôro davam primitivamente ao Ribeirão Madeira, afluente do Rio Cuiabá-Mirim, e hoje denominado "*Tapira ro óia*" (8).

Com os elementos linguísticos, coligidos das fontes bibliográficas que pudemos dispor, não nos foi possível atinar com o sentido exato deste hidrônimo, pois diversas são as acepções que podem ser dadas à partícula *ári* ou *ari*.

Rondon, p. ex., distingue: *ári*, marmelo silvestre, dito de espinho; lua; *ari*, espécie de figueira (9). Colbacchini e Basílio de Magalhães consignam também esses significados (10).

Certos de que esta ou aquela tradução que apresentássemos poderia dar motivo a controvérsias, supomos ser de interesse lembrar a existência, em borôro, de *aria* (panela de barro), *arc* (pulo, companheiro, semelhante, igual), *aréau* (casquedo, peixe) e *ariareu* (redemoinho, sorvedouro), que podem fazer parte do hidrônimo em consideração.

9 — **Aroejáu** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogubbo*. Em Rondon está grafado *Arôuejáuo*, e na F. C. *Aroiau*.

Arôc (*arôue*, *arouê*) é a alma, o espírito. *Aroejáu*, morada das almas; lugar das almas; rio das almas. Basílio de Magalhães registra: "*Arôc-ju* — rio onde há almas do outro mundo" (11).

O *arôc*, diz Colbacchini, transmitindo-nos a concepção que dele fazem os borôro, é "um espírito imortal que pode viver isolado de todo o corpo ou encarnar-se nos animais, depois de um tempo mais ou menos longo, quando deseja alimentar-se de frutas, caça, pesca ou de qualquer alimento preferido. Crêem que, depois da morte, a alma vai habitar uma das duas aldeias dos

(*) F. C. — (Folha de Corumbá) — Fôlha SE-21 (Corumbá) da *Carta do Brasil* — Organizada e desenhada pelo Conselho Nacional de Geografia — Projecção poligônica da Carta Internacional ao milionésimo — Escala 1: 1.000.000, 1947.

(8) RONDON (Cândido Mariano da Silva) — *Esboço gramatical e Vocabulário da língua dos índios borôro*. — Com a colaboração do doutorando João Barbosa de Faria — Publicação n.º 77 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas ("Comissão Rondon"), Anexo n.º 5 — Etnografia — Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Rio de Janeiro, 1948.

(9) *Idem* — p. 77.

(10) COLBACCHINI, obra cit., p. p. 411; MAGALHÃES (Basílio de) — obra cit., p. 17.

(11) MAGALHÃES (Basílio de) — obra cit., p. 17.

mortos, uma no extremo ocidente, presidida por *Bakororo* e outra no oriente, onde domina *Itubore*. Mas como as almas se aborrecem de ficar lá, transmigram para o corpo dos animais. As almas encarnam-se em gaviões *kurugugua*, *arocxeba*, *nabure*, *kuido*, *inddoro*, em araras, tuiuiús e outras aves, em *ipic* (lontra), em *odugo*, *aigo* (onça) e em várias espécies de peixes, como em *akogue*, *pobu*, *orari*, etc. Os velhos se encarnam no jacaré, hipopótamo, caictú, sapo, *wai*, *aige*, *jugoru*. Bem depressa a alma se cansa da nova vida, de modo que deseja se livrar ou com a morte do animal ou saindo espontaneamente. Quando livre vai para as montanhas, onde se encarna nas araras, papagaios e outros pássaros. Por este motivo, os índios gostam de ter as araras e papagaios domesticados, pois assim as almas dos antepassados estão perto e não sofrem fome.

Não estão de acordo os índios nas explicações que dão do *aroc*; sobre algumas particularidades não têm uma crença constante. Têm idéia muito material da espiritualidade da alma: o *aroc* sofre frio, sede, calor, fome, etc." (12).

Aróejari é também denominado o local que serve de sepultura definitiva para os borôro mortos. Após a prática de uma série de ritos a que são submetidos os mortos, ritos estes que se prolongam por vários dias (13) os ossos de defunto, que se acham dentro de uma cesta, são levados a um rio próximo à aldeia ou a uma lagoa determinada. "Lá onde as águas são mais profundas descem a cesta e fincam-na ao fundo com um pau que sai para fora d'água. Essa lagoa é o *aroc iao*, "morada das almas" (14).

10 — **Aróejari** — lugar no Rio *Pogúbo*. Rondon registra *Arônê jari*. *Aróe*, v. n.º 9; *jari* (*járe*), v. n.º 3. *Aróe-jari*, casa das almas; morada dos espíritos.

A tradução deste topônimo encontrámo-la explícita em Colbacchini, quando, tratando do emprego da partícula *jari* na formação de nomes de localidades, exemplifica: *aroc-jari* "das almas sua morada" (15). V. o hidrônimo antecedente e o seguinte.

Basilio de Magalhães anotou: "*Aroc-djivo*, lugar onde está a alma. Vars.: *aroc-djäre*, *arodjoro*" (16) Na C. M. G. sob este designativo — *Arodjare* — está registrado um aldeamento próximo ao *Pogúbo*.

11 — **Aróeparo** — Na F. C., à margem esquerda do Rio Itiquira, há um afluente denominado Rio Novo ou *Aroê Paro*. Na C. M. G. aparece com o nome de *Aroa paro*.

Aróe, v. n.º 9; *paro* (*parô*, *parô*, *parú*), significa início, princípio, começo, cabo, pé de uma cousa; fôz, embocadura de um rio; pôrto. Na nomenclatura hidrográfica, empregado para designar os afluentes ou sub-afluentes de um sistema fluvial (17). *Aróeparo*, num sentido amplo, tem significado semelhante ao do topônimo anterior, isto é, pode ser traduzido por lugar das almas; pôrto das almas; fôz ou embocadura das almas.

12 — **Atúgoparo** — Ribirão "Coroado", afluente da margem direita do Rio *Pogúbo*.

A propósito deste hidrônimo, diz Rondon: "O nome indígena deste rio não pôde, até hoje, ser traduzido pelos próprios Borôro, que ignoram ou não compreendem a tradução da palavra *atúgo*. Será corrupção de *adúgo* (onça pintada)? Não sabem dizer. Etimologicamente, traduz-se — *atu*,

(12) COLBACCHINI, obra cit., p. 87.

(13) Idem, pp. 153 e segs.

(14) Idem, p. 165.

(15) Idem, p. 284.

(16) MAGALHAES (Basilio de), obra cit., p. 17.

(17) RONDON, obra cit., p. 126.

concha queimada. *Go* significa, também, preto, porque pode ser variação de *xó* (18).

A palavra *atúgo* encontrámo-la com funções de adjetivo — pintado —, como os exemplos que se seguem dão testemunho: "*Attugo*, adj. pintado; *Attugo-attugore*, adj. pintado miudinho; *Attugo-attugore*, s. o que é pintado miudinho; *Attugodo*, v. pintar, escrever." (19)

Com o sentido de onça, portanto o mesmo que *adugo*, aparece em determinados cânticos dos borôro, conforme se pode verificar no seguinte exemplo colhido em Colbacchini (p. 142): "*Attugo-kurireu* — sin. de *addugo imedo*, onça pintada macho, u. nos cantos".

Basílio de Magalhães grafou *atúgo-píro*, e diz ser o nome do lugar onde está a Colônia Teresa-Cristina, não o registrando como hidrônimo.

13 — **Aturebojáú** — Pôrto no rio *Pogúbo-Xoréu*. Rondon registrou *Aturêboicáúno*. *Aturêbo* é o nome dado à uma concha pequena, com que os borôro comem à maneira de colher. Em Basílio de Magalhães a forma corrente é *aturêro* — "colher, que usam, feita de concha de peixe" —, enquanto que em Steinen encontramos para o mesmo nome a grafia *atrebo* (20). *Jáu* (v. n.º 2). *Aturebojáú*, o sítio das conchas; o local das conchas.

14 — **Aturúa** — Rondon assevera ser este o nominativo da Serra Itacolomi, enquanto Colbacchini diz nomear um "certo paredão legendário".

Aturúa, conforme esse último autor anotou em seu vocabulário, tem mais de um significado: é o nome de certo gañanhoto fino e comprido; é nome de um espírito; e, ainda, é sinônimo de alto (usado nos cantos).

15 — **Auracoré** — Córrego, afluente da margem direita do Rio *Pogúbo*.

Embora sem poder afirmar categoricamente, parece-nos que é hidrônimo borôro, pois, ainda que não nos tenha sido possível atinar com seu sentido exato, supomos poder derivá-lo de *áura* (*uóra*), osso da cabeça, crâneo; cabeça, e a partícula *curi* (*kuri*), alto, grande.

Ainda é preciso lembrar o substantivo *auára* (*auôára*, *awara*), caminho, estrada, rua, trilho, e *coréu* (*koréu*), cousa funda.

16 — **Bacugúma-bárado** — Rio, afluente da margem esquerda do Rio das Mortes. *Bacugúma* (*bakkugumma*, *hakoguma*, *bacogúma*) é o nome de uma espécie de gavião; *bárado* (*baraddo*, *brádo*), ninho. *Bacugúma-barádo*, ninho do gavião.

No prefácio à obra de Colbacchini, o Arcebispo D. Francisco de Aquino Corrêa diz ser o "*Bacogúma-brádo* (ninho de gavião) o rio São Luiz dos missionários" (21).

17 — **Barigajáú** — Afluente da margem esquerda do Rio das Garças. *Bariga* é o nome dado à mulher do *bari*, isto é, o médico-feiticeiro dos borôro. *Bariga* designa, também, segundo Colbacchini, a pedra cristal. *Barigajáú* (*barigajão*) traduz-se: o rio da bariga; o rio da mulher do médico-feiticeiro. Rondon registra *barigo*, em vez de *barígu*.

18 — **Biagoreu** — Córrego, afluente da margem direita do Rio *Pogúbo*.

Parece-nos que *biagoreu* é o mesmo que *biagareu* (*biegaréu*, Rondon; *biegarêu*, Basílio de Magalhães), que significa delgado, fino, miudo, pequeno.

(18) RONDON, obra cit., p. 146.

(19) COLBACCHINI, obra cit., p. 412.

(20) STEINEN. (Karl von den) — *Vocabulário Borôro*, in "Apêndice" anexo a obra "*Entre os Aborígenes do Brasil-Central*" — Tradução de Egon Schaden — Separata renumerada, da "Revista do Arquivo", nos XXXIV a LVII — Departamento de Cultura, São Paulo, 1940. V. p. 689.

(21) Vide in "Prefácio" de *Os Borôros Orientais* de Colbacchini, cit., p. 12.

19 — **Bocoadiguro** — Na C. M. G. há dois córregos com este nome — *Bocoadiguro* e *Bokoadiguro*. Provavelmente hidrônimo composto de *bocoadi* (*bocoadi*, *boquadi*, *boknaddi*), jatobazeiro, mais a partícula *guro* (v. n. 1.). Na F. C. está *Bocu-diguro*.

20 — **Bopejáu-Curireu** — Córrego, afluente da margem esquerda do Rio Itiquira. Na F. C. foi grafado *Bapejau-curireu*.

Bôpe (*boppe*) é "divindade que os índios consideram entidade maléfica, atribuindo-lhe a disseminação de males e sofrimentos" (22). É, no dizer de Colbacchini, o espírito mau, o demônio, a coisa ruim. *Jáu*, v. n.º 2. *Curireu* (*kurireu*) é sufixo que serve para formar o grau aumentativo — grande, alto. É de uso frequente na hidronímia (23).

21 — **Buioquejáu** — Córrego cu baía à margem direita do Rio Pogúbo, próximo à povoação indígena de São Lourenço.

Buioque ou *buiogue* é a forma plural de *buiogo* (*buiogo*, *buiyoga*), nome, em borôro, da *piranha*. *Buioquejáu*, rio das piranhas.

22 — **Buioquejáu-Páro** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio Pogúbo. *Buioquejáu*, n.º 21; *páro*, v. n.º 11. *Buioquejáu-páro*, fôz ou embocadura do rio das piranhas.

23 — **Buquidagajáu** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio Pogúbo.

Buquidaga (*bukidaga*, *bukkiddaga*) é o designativo do *tucum*. *Buquidagajáu*, rio do tucum.

24 — **Buquidago** — Córrego. *Buquidago* parece-nos ser simples alteração de *bukidaga*, *tucum*. V. n.º 23.

25 — **Butúie** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio Pogúbo-Yorçu. Na F. C. o nome deste ribeirão foi grafado *Botute-Paro*, e na C. M. G. *Botuêpero*. Nesta mesma "Carta" há um outro curso d'água, afluente do Rio das Garças, também denominado *Butúie* (Córrego "Butuê ou Atoladeira").

Butúie é o designativo de uma taquara que os borôro empregam na confecção de um determinado tipo de flechas. Basílio de Magalhães diz ser este o nome de uma "flecha de ponta de taquara para a caça de animais grandes". Em Rondon lê-se que essa taquara é empregada para a confecção de flechas de guerra.

Tratando das flechas confeccionadas pelos borôro, o Pe. Colbacchini, após descrever as diversas partes que os índios nelas distinguem, relata o seguinte: "Segundo a matéria de que é formada cada uma das partes, as flechas se dividem em duas categorias: as comuns e as religiosas. As primeiras são feitas, nas duas secções inferiores, de um bambú chamado *butúie*, com longos gomos, cuidadosamente indreitados no fogo, tendo na ponta uma haste direita e lisa, de madeira duríssima (aroeira, cambauva ou siriva)" (24).

26 — **Caiamo** — Rio, afluente da margem esquerda do Rio das Garças. *Caiamo* (*kaiamo*) é o nome dado pelos borôro a uma tribo de índios, seus inimigos, com os quais se mantiveram sempre em lutas. A este propósito, escreve o Pe. Colbacchini: "Os *kaiamodogue* são uma tribo cuja língua os borôros ignoram (*bae e mearidu kare emndogwa battarugi*, "os índios eles não entendem dos dentes lábios a palavra"). Habitam a margem esquerda

(22) RONDON — obra cit., p. 87.

(23) "Usam pospôr ao nome os adjetivos: *kuri*, *kurireu*, tratando-se de masculino; *kuri rendda*, sendo feminino; *kuri* "grande" para o aumentativo; *raga* "pequeno" para o diminutivo. Ex. ex.: de *toriga* "faca", têm-se *toriga kuri-re-u* "facão"... etc." (COLBACCHINI, obra cit., p. 287).

(24) Idem, obra cit., p. 71 e seg.

do Rio das Mortes e provavelmente correspondem aos Chavantes ou Acua; talvez pertencem à grande família Caiapós. Entre as duas tribus há ódio inextinguível. Em tempos remotíssimos se guerrearam e até hoje os boróros temem seus ataques. Por vezes numerosas turmas atravessam o Rio das Mortes, invadem o território dos *Orarimogodogue*, matando e destruindo tudo o que se lhe antolha na passagem" (25).

27 — **Cziámo-Dogue-Itugo Butuic** — Nome, em boróro, do Rio Benjamin Constant. Assim está registrado na C. M. G. *Cziámo-dogue*, plural de *Cziámo* (índios Caiapós); *itugo*, parece-nos derivar de *tugo*, nome genérico para flecha e de uma espécie de taquara empregada na confecção de flechas. *Butuic*, v. n.º 25.

28 — **Carejáu** — Ribeirão, aflucnte da margem esquerda do Rio *Pogübo-Xorêu*. Rondon registra *carejáu*. Na C. M. G., há um aflucnte, na margem esquerda deste último rio, de nome "*Coreau-paro*", que supomos ser o mesmo *carejáu* citado por Rondon. Entretanto, é possível que *coreau* seja oriundo de *coráu*, designativo de uma espécie de papagaio, além de significar fundo ou cheio (26).

Care (*käre*) é o plural de *cáro* (*káro*), peixe em geral. *Carejáu*, traduz-se: rio dos peixes.

29 — **Codorôri** — Morro no Rio Vermelho. *Codôro* (*kuddoro*, *cudôro*), nome de uma arara de cor negro-azulada; *ri*, sufixo que entra na composição de grande numero de palavras (27). Como adjetivo significa — forte, duro.

Em interessante lenda dos índios boróro, relatada por Colbacchini, há referências ao monte *Codorôri*, cuja posse, aliás, foi motivo de discórdia entre os indivíduos dos clans *Bokodori Exerac* e *Aroroc*. A parte da lenda (referente à uma grande viagem de exploração), em que se menciona o monte em apreço, é a seguinte: "Entre cantos e pescas continuaram aigrementemente a viagem, durante a qual impuseram o nome a outro rio. Cantaram "*Exerac xedagaru vekothia Kugarubo*", ou seja: "O *Exerac*, o vosso nome chegou ao *Kugarubo*". Mais além, deram a outro rio o nome de *Padorobo*, porque suas águas eram calmas e recobertas de branca espuma. E deste modo, entre cantos e festas, continuaram a dar nome às suas descobertas. Mas também entre eles devia entrar a discórdia para estragar tudo. Chegados aos pés de um monte de forma singular, os *Bokodori* disseram: "Eis que atingimos o *Kudorori* (monte das araras azul escuras) e será nosso". Os *Aroroc* responderam "Não, mas será nosso". Daqui veio uma questão que os *Aroroc* interromperam, porque entoaram o canto e se apoderaram do monte" (28).

30 — **Coduiguro** — Na C. M. G. há dois córregos com este nome — *Koduiguro* e *Coduiguro* —, ambos descendo do planalto em direção ao Pantanal. Um deles (o que está grafado *Koduiguro*), de acordo com a "Carta", parece ser aflucnte do Ribeirão *Quiáquigadojáu* (*Kiúakigadojáú*). Este

(25) COLBACCHINI, obra cit., p. 150.

(26) TEODORO SAMPAIO, em *O Tupi na Geografia Nacional*, dá *Coreahú* (sic) como nome de origem tupi, e traduz: "*Carahú* ou *curá-hú* o comedouro dos *curiás* ou viveiro dos *curiás*, pequeno pântano d'água doce. Era o nome primitivo que tinha a cidade de Granja, Ceará". V. p. 191.

(27) Dentre os principais sufixos que entram na composição dos nomes em boróro, relacionados por COLBACCHINI (obra cit., p. 286), encontra-se o sufixo *ri*. "O sufixo *-ri* em *ba-ri* "feiticeiro", *ca-ri* "frente", *mi-arí* "raiz de um cipó de casca negra"... *bokodori* "tatu", *ora-ri* "peixe pintado"... *tori* "pedra", etc."

(28) COLBACCHINI, obra cit., p. 244.

hidrônimo parece ser composto de *codui* (*códo-i*), espécie⁽²⁹⁾ de figueira mais a partícula *guro* (v. n.º 1). Basílio de Magalhães dá: "*codui*, figueira, cu gameleira". É possível que *codui* esteja também relacionado com *cádo*, nome de um *cará* silvestre, e ainda designativo de um marimondo; de uma lenha pequena, e do *timbó* (*cúdo-i*, árvore do timbó. V. Rondon).

31 — **Coguejáu** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do rio *Pogúbo*. É conhecido pelo nome de Ribeirão Floriano.

Côgue (*okkoguc*, *okoge*, *cóghe*), designativo do peixe *dourado*. Basílio de Magalhães assevera que o Ribeirão Floriano é assim chamado (*Cóghéiu*) por ser "muito abundante em dourados"⁽³⁰⁾. Na C. M. G., além do nome "Floriano", este curso d'água está com o designativo "Areia". Ainda nesta "Carta", à margem direita do rio *Pogúbo*, há um outro afluente com nome idêntico — Córrego *Kogueau* —.

32 — **Corôgue Equi Páro** — Rondon registra com este nome e desta forma um ribeirão afluente do rio *Pogúbo*.

Corôgue (*korogue*), consoante Rondon e Colbacchini, é o nome de uma tribo indígena que existiu, primitivamente, às margens do Rio *Pogúbo*. *Páro*, v. n.º 11.

33 — **Cugarobôreu** — Rio, afluente da margem esquerda do Rio Peixe de Couro. É também conhecido por Rio Anhumas.

Cugáro (*kugaru*, *cúgaro*) significa praia, areia; *bô* é o mesmo que *pô* ou *pôbo*, água, rio; *reu*, aquele que; o que é. *Cugarobôreu*, aquele que é rio da areia; o rio da areia. Colbacchini registrou este nome — *Kugaruboreu* — como o de um rio lendário dos borôro. Na realidade, na parte da lenda sobre uma viagem de exploração levada a efeito por estes índios que transcrevemos no n.º 29, há referência a chegada dos borôro ao *Kugarubo*.

34 — **Cugibo** — Rio, afluente do Rio das Garças. É igualmente conhecido por Rio Barreiro. Na C. M. G. está: Rio Barreiro ou *Cajibopó-Rorureu* e *Cajibopó-Rarureu*.

O significado de *Cugibo* (*Kugibbo*) encontramos-lo na transcrição feita por Colbacchini de outra lenda sobre uma viagem de exploração empreendida pelos borôro. A parte do conto e os comentários do ilustr. salesiano, que interessam ao caso presente, são os seguintes: "Um homem dos *Ivaguúduoyuc* fez uma exploração ao *Kugibo Paru*, ou seja, à foz do rio *Kugibo* ou *Kugipó* — água do peixe *kogi*, chamado pelos civilizados *Coxipó*, que desemboca no rio Cuiabá, junto à cidade homônima. O monte *Torouri*, de que se fala na lenda do dilúvio, é bastante próximo à foz do dito *Coxipó*, nome que facilmente se nota ser a palavra *cugibo* um pouco alterada. Também o nome do rio Cuiabá parece ser de origem borôro"⁽³¹⁾.

Rorureu ou *rarureu* é o nome de um vegetal cujas folhas mastigadas usam contra mordedura de cobra⁽³²⁾. V. *Pôbo jocureu*, n.º 69.

35 — **Cuidori** — Nome de um morro no Rio Vermelho. Colbacchini registra *kuidori*. É composto de *cúido* (*huiddo*, *cúiddo*), designativo de uma arara azul de peito amarelo, mais a partícula *ri*. V. n.º 29. O topônimo *Serra do Cuidoré*, ocorrente na C. M. G., parece-nos ser simples alteração de *cuidori*.

36 — **Curúguabrado** — Córrego, afluente do rio Anhumas ou *Cugarobôreu*.

(29) Quando usamos o termo "espécie", quer em referência a plantas, quer a animais, fazemo-lo no sentido vulgar, isto é, indicando sorte, qualidade, semelhança externa, e não no sentido empregado por zoólogos e botânicos, isto é, como "subdivisão do gênero nas classificações de plantas e animais".

(30) MAGALHÃES (Basílio de), obra cit., p. 29.

(31) COLBACCHINI — obra cit., p. 243.

(32) Idem — obra cit., p. 436.

Curúgua ou *curugúba* ou ainda *curugúgua* é o nome de uma espécie de gavião; de uma espécie de penas desta ave, e de uma espécie de coelho; *brado* ou *bárado*, ninho. V. n.º 16.

Tendo em vista o substantivo *brado* ou *bárado*, não parece duvidas de que *curúgua* deve ser traduzido por gavião, pois *curúga* (*kuruga*, Colbacchini; *curúgua*, Basílio de Magalhães; *curúgua* ou *curugúgua*, Rondon) significa também baía, lago, lagôa. Este último autor cita exemplo de hidrônimo no qual *curugúgua* é traduzido consoante estas últimas concepções: "*Cúrugugua-bága* (córrego da baía). *Cúrugugua* = baía; *bága* = córrego" (33).

37 — **Curugugari** — Segundo Colbacchini, o topônimo é designativo do morro "das mesas" na região do Rio das Garças e do Rio *Poxorêu*. Na C. M. G. há um "Morro da Mesa", próximo ao Rio das Garças, mas sem o designativo em borôro. Quanto ao significado de *curugugari*, V. n.º 36.

38 — **Itaborereu** — Córrego, à margem direita do rio *Quinúbo*. Parece-nos que *Itaborereu* deriva-se de *itubore* (*itubore*), nome de um dos maiores heróis da tribo dos borôro, e também designativo do lugar onde vão as almas. (Colbacchini, p. 422), ou de *tuboré*, lambari.

Tuborireu é como os borôro chamam também um modo de trançar.

39 — **Jacareuguejáu** — É o nominativo, em borôro, do Rio das Garças. Na C. M. G. está grafado *Jacoregueau*.

Jacorêu (*jukkoreu*) é o bôto (peixe). *Jacoreuguejáu*, rio dos bôtos.

40 — **Jarúdo Bága** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo*.

Jarúdo (*jaruddo*) designativo genérico do bagre (peixe). *Bága* (*pága*, *págo*, *paba*, *maga*), córrego, riacho. À p. 423 da obra de Colbacchini lê-se: "*jaruddo-maga*, um rio": *Jarúdo bága*, é o córrego ou riacho do bagre. Na C. M. G. foi registrado *Djarudo-boga*. Basílio de Magalhães também grafava *djarúdo* e dá, como variante, *jaruda*.

41 — **Jarudori** — Nome de um paredão no Rio Vermelho, segundo Colbacchini. *Jarúdo*, V. n.º 40; *ri*, V. n.º 29. Rondon escreve que *jarudóri* significa pedra do bagre, sendo contração de *jarúdo+óri* (*jarudo tóri*). *Jarúdo*, bagre e *óri* (*tóri*), pedra (34). Na C. M. G. e na F. C. ocorrem as formas *Jarudore* e *Jorudori*, respectivamente (nome de aldeias).

42 — **Jaruru** — É o designativo, em borôro, do Rio *Batoví*, afluente do rio das Garças. Na C. M. G. está *Jaruro-Curireu*. Além deste rio, na mesma "Carta", encontramos um afluente do *Batoví* também denominado *Jaruro* (ou Rib. Arciado).

Jaruru, segundo Colbacchini, é sinônimo de *kudururu*, barulho (usado nos cantos). Rondon — *jarúro* — afirma ser o verbo soar, troar, rumorejar no interior. *Curireu*, V. n.º 20. *Jaruru-curireu*, o grande barulho; muito barulho.

43 — **Jomojáu** — Porto, à margem esquerda do rio *Pogúbo*. *Jômo* (*jommo*, *djômo*, *djomu*); nome de uma espécie de lontra pequena. *Jomojáu* (*jômojôuo*), pouso, lugar das lontras; rio das lontras.

44 — **Jorigui** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo*. Na C. M. G. ocorre mais de um acidente geográfico com esse nome: Serra do *Jorigue*; Ribeirão *Jorigue* (afluente da margem esquerda do *Pogúbo*); Córrego *Jorigue Cuajagurêu*, Córrego *Jorigue-Quiarigodo*; Ribeirão *Joriguinho* ou *Jorigue Xorêu* e Córrego *Jorigue-Prêto*.

Jorigui ou *jorigue* (*djorighe*) significa pau, madeira seca; lenha. *Cuajagurêu* é o mesmo que *cujagurêu* (*kujagureu*, *cüdjagorêu*), o que é vermelho;

(33) RONDON — obra cit., p. 146.

(34) Idem — obra cit., p. 146.

o vermelho (de *cujágu* ou *cujágo*, vermelho). *Quiarigodo* (*kiarigodo*; *kiarégôddo*), tem o sentido de saudade; ter saudade; triste. *Xorêu* é preto, escuro, sujo. Interessante é a ocorrência dos hidrônimos bilingues (português-borôro) *Joriguinho* e *Jorigue-Preto*.

45 — **Jorubocura** — Na C. M. G. há um afluente do Córrego *Pogúbo-borereu-porogureu*, denominado Empanturro ou *Jorubocura*.

Jorúbo (*jorubbo*, *djorúbo*) tem mais de um significado. Designa, genericamente, doença, remédio. É, também, o nome de um bezouro. Aparece em grande número de nomes de plantas medicinais. *Cura* parece-nos ser o mesmo que *cúru* ou *gúru*, líquido, caldo. Colbacchini registra: "*Jorubbokuru*, remédio para tomar". Basílio de Magalhães dá *járubocúru* (*djorúbo-cúru*) como nome genérico para remédio.

46 — **Jorubojáu** — Colbacchini, registrando *jorubbo-jaú*, assevera ser este o nome do rio Caiapó, afluente do Araguaia.

Jorubojau, rio do remédio. V. n.º 45 e n.º 2.

47 — **Júre-Jócu** — Local à margem esquerda do rio *Pogúbo*.

Júre (*djúre*, *djúrie*) tem o duplo significado de "sucuri" e "arco-iris". É um dos poucos nomes singulares, segundo Colbacchini, que terminam em *e* (35).

Jócu (*jokku*, *yoko*) tem o sentido de olho, vista, ou, melhor, o olho dele, a vista dele.

48 — **Maxejáu** — Segundo Rondon, é o designativo dado pelos borôro ao Rio Itiquira; Basílio de Magalhães diz ser o nome do Rio Piquiri.

Maxejáu (*máxeiáuo*, *maxeiau*, *mátxeau*) traduz-se por rio ou local dos pernalongos, dos mosquitos, pois é composto de *máxe* (*matxe*, *mase*) mosquito, mais a partícula *jáu*.

49 — **Meajáu** — Córrego, que desce do planalto em direção ao Pantanal.

Meajáu pode derivar de *méa*, cotia, ou de *ime* (plural de *imedo*, homem), homens; *jáu*, local, rio. Consequentemente, poderá ser traduzido por rio da cotia ou rio dos homens. À p. 147 da obra de Rondon, ocorre: "*Imeiáuo* (rio dos homens). *Ime*=homens; *iáuo*=rio." É necessário considerarmos a possibilidade deste nome derivar-se de *me*, fumo, e *jáu*.

50 — **Meruri** — "Um morrinho cônico nas margens do Rio Baurreiro onde se acha a Colônia Indígena do S. Coração de Jesús. Significa: morro da arraia" (36).

Méru, nome de uma espécie de arraia pequena; *ri*, V. n.º 29.

51 — **Metuguejáu-Páro** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo-Xorêu*. Em Rondon está *metúgucláuo*. É conhecido também pelos nomes de Roncador e Pombas. Aliás, este último é tradução do termo borôro, pois *metúque* é o plural de *metúgo*, pomba.

Na C. M. G. e na F. C. está somente C. Pombas.

52 — **Mixóre** — Ribeirão, afluente da margem direita do *Pogúbo-Xorêu*. Conhecida também pelo nome de Ribeirão da Prata.

Mixóre (*míxori*, *míxóre*) é o designativo borôro para o cipó *imbé*. Na F. C. está *Nixoré* por *Mixóre*.

53 — **Moribojáu** — Córrego, afluente da margem direita do *Porube*.

Moribo, (*moribbo*), segundo Colbacchini, é o nome de uma espécie de jaguar.

(35) COLBACCHINI — obra cit., p. 286.

(36) Idem — obra cit., p. 430.

54 — **Nabureri** — Nome de um paredão no Rio Vermelho (Colbacchini).

Nabüre (*nabüre*), arara vermelha; *ri*, v. n.º 29.

55 — **Noâcurireu** — Córrego que desce do planalto em direção ao Pantanal.

Noâ tem duplo significado. Tanto designa o côco baguassú (aguassú), como o barreiro, o lambedouro. *Curireu* (*kurireu*) — grande, alto. Dentre uma série de nomes de homens relacionados por Colbacchini, lê-se: *Noa-kuri* "lambedor grande". *Curi* (*kuri*) é o mesmo que *curireu*. V. n.º 20.

56 — **Noidóri** — Por este nome é conhecido um morro à margem direita do Rio *Fogúbo* (Rondon) e um afluente do Rio das Mortes. O curso d'água é também denominado Rio Francisco Horta Barbosa. V. C. M. G. e mapa in "A luz do Cruzeiro do Sul", de Colbacchini. No mapa anexo à obra "Os Boróros Orientais", deste mesmo autor, foi grafado *Noaddari*.

Noido (*noiddo*), nome da palmeira baguaçu (*aguassú*, *uagua-açu*, *ua-uçu*). *Ri*, v. n.º 29.

57 — **Noiduguri** — Ribeirão, afluente do Rio *Aroéparo*.

Parece-nos que deve ser *noidogúru* (*noido e gúru=gúro*), ou *noidôcúri* (*noido e cúri*). V. n.ºs 1, 55 e 56.

58 — **Nonogôbo** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo-Xorém*. É também denominado Capim Branco.

Nonôgo (*nonnogo*) nome genérico dado ao urucú. *Bo* ou *po* ou ainda *pôbo*, água, rio. *Nonogôbo*, rio do urucú.

59 — **Ocoama** — Córrego, afluente da margem direita do Rio *Pogúbo*. Na C. M. G. há dois córregos com este nome na mesma margem do *Pogúbo*. *Ocoama* ou *Ocoami* e *Ocoama-páro*.

Ocoama ou *ocoumi* parece-nos ser o mesmo que *ohkuamm'i* ou *oquami* (Colbacchini e Rondon), nome, em boróro, do jequitibá. *Páro*, v. n.º 11.

60 — **Ocoriguro** — Córrego que desce do planalto em direção ao Pantanal.

De *ocu* ou *ocúre* (*okku*, *okure*) flôr, mais a partícula *gúro?* ou de *ocóri* (*okhóri*, *córi*) doer, dôr, ardência, corrosão?

61 — **Oíbo** — Ribeirão, afluente do Rio *Mixóre*. Na C. M. G. o hidrônimo é híbrido: — *Oíbo Grande* —.

Oí (*ui*) nome de uma espécie de peixe que se encontra no ribeirão *Oíbo*. (37) *Bo*, v. n.º 58. *Oíbo*, rio do peixe *Oí*; rio dos *Oís*.

62 — **Oroaribo-Curireu** — Designativo, em boróro, do rio Araguaia.

Oroaribo (*oroaribbo*), segundo Colbacchini, é sinônimo de *pagadogue*, (38) rios (usados nos cantos). *Curireu*, v. n.º 20.

Na já referida lenda dos índios boróro, sobre uma grande viagem de exploração, há também referências ao *Oroaribo*, como se pode verificar pela excelente descrição do Pe. Colbacchini. "Uma grande viagem de exploração empreenderam os *Bokodori Exerae* juntamente com os *Aroroe*. Entoando cantos partiram do *boróro* de uma aldeia rumo ao norte, além do Rio das Mortes, e dobrando depois em direção a leste e daí para o sul, reentraram no ponto de partida do lado Oeste, descrevendo assim um imenso círculo. E nesta viagem devem ter empregado bastante tempo, andando, como iam, em pequenas etapas, caçando e pescando e fazendo longas paradas nos lugares mais propícios. Coisa digna de nota que primeiro encontraram foi um grande rio. A um aceno do chefe se reuniram e, entoando um cântico, impuseram-lhe

(37) RONDON — obr. cit., p. 121.

(38) *Paga* ou *kápa*, ribeirão, riacho, arroio; *dogue*, sufixo de plural. V. n.º 40.

um nome. Cantaram assim: "*Exeraie, xedaguru yekoduia oroaribo*", que se traduz: "O' *Exerae*, o vosso nome chegou ao *Oroaribo*", e assim o rio se chamou *Oroaribo*. Note-se que dizem "*Exeraie*" e não "*Exerae*", porque é canto, e o canto tem forma própria. Os rios que se chamam *Oroaribo* são vários. Entre estes está o grande *Araguaia*". (39)

Rondon dá *oroari* [*orôuari* na sua grafia] como designativo do peixe *Pintado* ou *Cambucu*. Assim sendo, é o mesmo que *prari* (*oräre*), forma mais usual para nomear o citado peixe.

63 — **Pága Curirêu** — Ribeirão, afluente da margem direita do Rio *Pogúbo-Xorêu*.

Pága, córrego; riacho; *curirêu*, grande. *Pága curirêu* (*pága-curirêu*), riacho grande, o ribeirão. Na C. M. G. está *Pagacurireu* ou *Grande*, e na F. C. foi grafado, por engano, *Paracurireu*. Na primeira "Carta" e ainda na margem direita do *Pogúbo-Xorêu*, há um outro córrego — *Pagucurireu* — que supomos ser homonímico de *Pagacurireu*, tendo havido somente alteração gráfica.

64 — **Pága Páro** — Rondon registra dois ribeirões com este nome: um afluente da margem direita do Rio *Pogúbo*, e outro em margem idêntica no *Pogúbo Xorêu*.

Pága páro traduz-se por: ribeirão da fóz; riacho da fóz. V. n.ºs 11 e 40.

65 — **Pága Quirêu** — Córrego que desce do planalto em direção ao Pantanal. Na C. M. G. está *Pagakireu* e na F. C. *Poguquiereu*.

Pága, riacho; *quirêu* (*kireu*), sêco, enxuto.

66 — **Pauoejáu** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo*. Na obra de Rondon o nome deste rio aparece grafado de duas maneiras diferentes: *Páuojiáuo* (p. 126) e *Páuveiáuo* (p. 147). Ao fazer a tradução deste hidrônimo, Rondon escreveu: "*páuoé=peixe banana; jáuo=rio*". (34)

67 — **Piebága** — Ribeirão que deságua no Rio Peixe de Couro, afluente do Rio Itiquira. Rondon traduz *Piebága* por ribeirão do *Genipapo* (*Genipava*, segundo sua grafia), considerando, em consequência, que *pie* é o mesmo nome que *bie* (*genipapo*) (41).

Na F. C. aparece *Piaboga*, e na C. M. G. está correto: *Piebaga*. Nesta última "Carta" foi registrado um afluente na margem direita do *Pogúbo*, de nome *Ipieboga*. Supuzemos, de início, que este designativo era simples alteração de *piebága*. Mas dada a existência autônoma dos dois termos iniciais destes hidrônimos — *bie* e *ipie*, é possível admitir-se traduções diferentes para ambos. *Ipie*, consoante Colbacchini, é o nome da "ariranha, um bichinho que fica à flor d'água". Basílio de Magalhães também dá *ipie* como designativo da ariranha. Rondon, à p. 106, registra: "*Ipie-lontra; tapivara*", e à p. 146: "*Ipie bága* (ribeirão da Capivara). *Ipie=Capivara; bága (pága) = ribeirão*". Segundo as diversas fontes bibliográficas consultadas, parece-nos que para capivara os borôro empregam o termo *quina* (*oquina*), como aliás vem registrado na própria obra de Rondon (v. pp. 132 e 147), reservando *ipie* para designar a lontra ou ariranha. Steinen anotou: "*lontra grande-ipie; capivara-akina*". (42)

Colbacchini, sem especificar em qual das margens está situado, registra um afluente do Rio das Garças, denominado *Ipie-ciao*.

(39) COLBACCHINI — obra cit., p. 244.

(40) RONDON — obra cit., p. 147.

(41) V. RONDON, p. 84; COLBACCHINI, pp. 108 e 415; BASÍLIO DE MAGALHÃES, p. 22.

(42) STEINEN — obra cit., p. 690.

Em síntese, *piebága* pode ser traduzido por ribeirão do geupapo; *ipie-bága* ou *iptejáu* (*ipie-ciao*), por ribeirão ou rio da lontra.

68 — **Pirageri** — Morro na região do Rio *Pogúbo*.

Provavelmente de *pirôge* (*piragi*, *pirôdje*), nome de uma espécie de andorinha, mais a partícula *ri* (V. n.º 29).

69 — **Pôbo Jocrêu** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo*.

Pôbo, rio, água, inundação, enchente; *jocrêu* (*jocuréno*), limpo, cristalino, transparente. *Pôbo jocrêu*, rio de águas limpas; rio límpido. Colbacchini, à p. 436 de sua obra, registra: "*Po=jokureo* = Passavinte, afluente do Rio Barreiro". *Po-jokureo* é o mesmo que *pobo jocureu* (V. *po*, *bo*, *pôbo*, in n.º 58), admitindo, conseqüentemente, a mesma tradução. Na C. M. G. o nome, em borôro, do Rio Passa Vinte é *Cojibo Jacureu* e não *Pojocuréu*. V. *Cugiba*, in n.º 34.

70 — **Pcbone** — Nome de uma cachoeira no Rio *Tadarimana*.

Não temos certeza se este nome é borôro. Parece-nos grafia errônea de *pobóre* (*pôbóre*), que significa cachoeira, queda d'água.

71 — **Po-Ecurêu** — Nome do Rio São Marcos, afluente do Rio das Mortes.

Po, v. n.º 58; *ecurêu* (*ocuréno*, *ekureu*), amarelo. *Po-ecurêu*, rio amarelo; rio de águas amareladas.

72 — **Pogúbo** — Nome em borôro do conhecido Rio São Lourenço. Na C. M. G. e na F. C. está *Poguba* em vez de *Pogúbo*.

Pogúbo (*Pogubbo*) designa uma ave — cardeal — e também o cascudo (peixe).

73 — **Pogúbo Rurêu** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo-Xorêu*, também denominado *Areiu*.

Na C. M. G. há dois afluentes na margem esquerda do *Pogúbo-Xorêu* cujo primeiro nome é *pogúbo*. Um, o córrego *Pogubo-borereu-pogoreu*, que é o mesmo *Areia*, ou *Poguboruréu*, de Rondon; outro, o córrego *Pogubororeu* — *Pojocureu*.

Poguba, v. n.º 72. *Rurêu* (*ruréno*), segundo Colbacchini, é o nome do "bargado" (peixe). Basílio de Magalhães registra: *Rurêu-peixe-palmito*. Se considerarmos *rurêu* igual a *rorêu*, então significará o que tem cheiro, cheiroso.

A respeito de *borerêu*, o arcebispo de Cuiabá, D. Francisco de Aquino Corrêa, prefaciando a obra de Colbacchini, escreve: "*Po-rereu*, que vulgarmente se alterou para *Bo-rê-rêu*, é a substantivação de *Pobóre* ou *Porê*, mediante o sufixo *reu*, isto é, "o correr d'água"..." (43)

Pogoreu, parece-nos derivar de *po*, rio, água, e *rogoreu* (*rogo*, pequeno), aquele que é pequeno; o pequeno. Quanto a *rorerêu*, que aparece em *Pogubororeu*, supomos ser o mesmo que *rurereu*, que significa "meio sujo" (falando de um líquido). (44)

Pojocuréu, v. in: n.º 69.

74 — **Pogúbo Cúri** — Segundo Basílio de Magalhães é o designativo, em borôro, do rio, Cuiabá.

Pogúbo cúri, o *Pogúbo Grande*. V. n.ºs 20 e 72.

75 — **Pocurirêu** — É o nome do Rio das Mortes, conforme está no mapa anexo ao trabalho de Colbacchini — *Os Borôros Orientais*.

Po curirêu (*po kurireu*) significa água ou rio grande.

(43) COLBACCHINI -- obra cit., p. 14.

(44) Idem, p. 437.

76 — **Pogubo Xorêu** — “Rio que nasce no lugar denominado Capim Branco, com o nome de São Lourenço e que, a duas léguas acima da Colônia Tereza Cristina, deságua no rio *Pogúbo*”. (45)

Pogúbo, v. n. 72. *Xorêu* (*xorêuo*, *txorêu*), o preto, o escuro; o sujo (*xo*, preto, sujo).

77 — **Pogúbo-Xorêu-Páro** — Barra do Rio Preto, no Rio São Lourenço. Hidrônimo citado por Basílio de Magalhães, que grafou *Pogúbo-txorêu-parú*. V. n.ºs 11 e 76.

78 — **Pôra-Paro** — Córrego, afluente do *Joriquinho*. Pôrto do aguapé, é a tradução dada por Rondon a este hidrônimo (de *pôra*, aguapé, e *páro*, pôrto).

79 — **Poreraca** — Afluente da margem esquerda do Rio das Mortes.

Deriva-se de *porê* ou *poborê*, água que corre, corredeira, e *racu* (*rakku*), forte, duro, consistente; muito, bastante. *Poreraca* (*poreroka*) água que corre muito; rio de muita correnteza.

80 — **Porôxo** — Pôrto ou lugar à margem direita do Rio *Pogúbo*.

Pôro, buraco, furo, abertura; *xo*, preto, escuro. *Porôxo*, buraco escuro; buraco preto.

81 — **Porube Aijáu** — Rio que, conforme está na C. M. G., continua ou é parte do *Pogubo*. Parece-nos ser trecho do mesmo rio, apenas com outro nome. Está grafado *Porube Aidjau*. Embora sem vir acompanhado de tradução, encontramos o nome deste rio em outra lenda dos borôro, ainda referindo-se a viagens empreendidas por índios desta tribo. Trata-se de uma viagem do índio *Uaboreu* na zona do rio *Poxorêu*, segundo o relato de Colbacchini: “*Poxereu* é o nome de um importante curso d’água que forma o *Pogúbo*, tributário do S. Lourenço que por meio do Cuiabá entra no Paraguai. Agora este nome, um pouco alterado, indica um dos maiores centros diamantíferos de Mato Grosso. Um borôro chamado *uaboreu*, caçando e pescando, descia as águas deste *Poxereu*. Era um cacique assás influente, era amado e respeitado pelos seus que voluntariamente o acompanhavam nas suas viagens, usando-lhes cuidados e atenções especiais. De fato quando parava para tomar um pouco de repouso estavam prontos para estender as esteiras e peles para que ele se assentasse em cima; ofereciam-lhe alimento, levavam-lhe de beber; com leques mitigavam-lhe o calor, espantando também vespas e mosquitos. De etapa em etapa chegaram à barra do *Porubi*, onde encontraram uma grande comitiva de *Orarimogodogue*, que vinham em sentido contrário guiados pelo seu cacique, também chamado *uaboreu*” (46).

Aijáu (*aidjáu*) significa lugar, sítio, rio das onças (*ai*, onça, usado nos cantos; *jáu*, v. n.º 2). Rondon (p. 147) registra: “*Aijáuo* (lugar de onça pintada) — *Ai* = onça pintada, *jáuo* = lugar, sítio.”

82 — **Pouúru Paro** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo-Xorêu*.

Na C. M. G. está rio: “*Pouúro* ou *Água Quente*”. O nome em português é, na realidade, simples tradução de *pouúro* ou *pouúrua* (*po*, água, rio; *uru*, ardido, quente). Colbacchini registrando “*Po-uru*” (água quente), assevera ser o nome de um afluente do Rio das Garças.

83 — **Poxorêu** — Designativo de dois ribeirões: um na margem esquerda e outro na margem direita do rio *Pogúbo*, além de uma vila na zona garimpeira do Rio *Poxorêu* (afluente da margem direita do *Pogúbo*).

Poxorêu (*Pô xorêuo*, *Poxereu*) significa água escura; água preta. O *Poxorêu* da margem direita do *Pogúbo* é conhecido também por Rio São

(45) RONDON, obra cit., p. 129.

(46) COLBACCHINI, obra cit., p. 245.

João, e o da margem esquerda pelo nome de Ponte de Pedra ou Dr. Corrêa, conforme está na C. M. G.

Há um afluente do *Poxorêu* ou São João cujo nome é híbrido (português-boróro): *Poxoreuzinho*.

84 — **Quejare** ou **Quijare** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Ribeirão Floriano ou *Coguejáu*.

Quijare (*kidjare*, *quejare*), segundo Rondon, traduz-se por buraco do morcego (*Que*, *ke* = morcego; *jare*, *jari*, buraco, cavidade). Há, entre o *Pogúbo* e o *Pogúbo-Xorêu*, um morro também assim denominado — *Quejare* — V. C. M. G..

Embora tendo por certa a tradução dada por Rondon, supomos também razoável a tradução: pouso, buraco da anta, em face da ocorrência, em boróro, do substantivo *qui* (*ki*), que designa este animal.

85 — **Quidauguroiguro** — Na C. M. G., há dois córregos com este nome (*Kidauguroiguro*) descendo do planalto em direção ao Pantanal. Na F. C. há um córrego de nome *Midauguroiguro*, que nos parece ser o mesmo curso d'água, cujo nome foi erroneamente grafado

Quiduuguroi supomos ser o mesmo que *quidogúro-i*, o qual, segundo Rondon, é o nome de almécega. *Quidogúro* (*kidogúro*) é uma "tinta preta, composta de pó de carvão e resina de almécega, diluída em azeite de lambari, empregada na tatuagem". (47)

Esta tinta, assim preparada, é utilizada para cobrir parte do corpo, conforme nos conta Colbacchini: "Um segundo modo de se enfeitarem consiste em cobrir o corpo com uma resina viscosa — *kiddoguro*. Sobre o *kiddoguro*, assim espalhado no corpo, aplicam penas de periquitos, de patos e de passarinhos" (48).

86 — **Quie** — Na Carta anexa ao trabalho de Colbacchini *À Luz do Cruzeiro do Sul*, há um afluente à margem esquerda do Rio das Mortes denominado Rio *Kie*.

Quie (*kie*) é o nome de um clan dos *Exerue*, e deriva-se de *qui* (*ki*) "anta", visto serem as antas o totem deste clan (49).

87 — **Quiuábo** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo*.

Quiua (*kiua*, *okkiwa*), capivara; *bo*, rio, água. Rondon, à p. 147 de sua obra, dá *Quiuábo* — "rio da capivara" e *Oquiúabo* — rio das capivaras (*O* = dèle; *Quiua* = capivara; *Bô* (*pô*) = rio).

Colbacchini registra: *Okkiwabbo* "um afluente do *Pogúbo*"; e na C. M. G. está Rib. *Kiuabo* ou Paraíso.

88 — **Quiuaquigadojáu** — Córrego que, conforme a F. C. (*Quéva-Quigadojau*) e a C. M. G. (*Kiúakigado jau*), desce da planalto em direção ao Rio Pequiri.

Quiua, capivara; *quigado* (*kigádo*, *kigaddu*), branco; *jáu*, rio. *Quiuaquigadojáu*, rio da capivara branca. A capivara branca ou *capivaratinga*, como é chamada por alguns caçadores, não constituiu uma espécie distinta de capivara, mas "trata-se apenas de indivíduos velhos, que ficaram grisalhos". (50)

89 — **Recudoejáu** — Ribeirão, afluente do Rio das Garças (*Rekkudoc-iao*, Colbacchini).

(47) RONDON, obra cit., p. 131.

(48) COLBACCHINI, obra cit., p. 62.

(49) COLBACCHINI, obra cit., p. 31.

(50) IHERING, (Rodolpho von) — *Dicionário dos Animais do Brasil* — Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, Diretoria de Publicidade Agrícola, São Paulo, 1940. V. p. 210.

Recudo (*reckudo*) é o designativo do Chunchun (peixe) (51). *Recudoejáú*, rio dos chunchuns.

90 — **Taboreu** — Córrego, afluente da margem direita do *Pogúbo*.

Caso seja nome borôro, a mançira pela qual foi registrado não permite que afinemos com a sua tradução exata, pois é possível que esteja relacionado a *tabo*, espécie de cobra aquática, e também nome de um espírito; ou, então, com *tabacreu* (*tabbaereu*), semelhante a negro. V. também *tubóre*, in n.º 101.

91 — **Taboriari** — Córrego, afluente da margem direita do *Pogúbo-Xorêu*.

Será *tabori* ou *tubore*? Para *tabori* são válidas as mesmas acepções aventadas para o hidrônimo anterior (V. n.º 90), mais a partícula *ri*. V. n.º 29. Quanto a *tubore*, v. n.º 101.

Colbacchini dá *tubor'etvari* "um apito dos Apiboreg", o qual, no atinente à forma, muito se assemelha a *taboriari*.

92 — **Tadarimána** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo*. Também conhecido por Rio Vermelho.

A propósito do significado de *Tadarimána* (*Taddari manna*, *Tadáremána*), Rondon faz as seguintes considerações: "*Tadáre mana* (rio Vermelho). *Tadáre* = *cará*; *ma'na* = irmão (que traduziremos — espécie ou gênero; pois que, em regra, os borôro empregam a palavra — *ma'na* — na sua nomenclatura fitográfica, para indicar que o vegetal que nomeiam diverge, sob algum ponto de vista, daquele que o nome principal designa). No caso corrente, *tadáre mana*, com efeito, trata-se de uma espécie de *cará* semelhante aos da espécie que eles chamam — *tadáre*, maior, porém, que estes (?)"

Colbacchini dá também o mesmo significado a este hidrônimo: "*Taddari*, um *cará* do mato. *Taddari-manna* — rio afluente do *Pogúbo*; *cará* maior do mato". Basílio de Magalhães especifica que "*tadári*" é o nome do "*cará roxo*".

93 — **Tadarimána-Páro** — "Barra do Rio Vermelho no São Lourenço, onde existe um grande aldeamento de Borôros Coroados" (Basílio de Magalhães, p. 57). *Tadarimána*, v. n.º 92; *páro*, v. n. 11.

94 — **Tapira rá óia** — Ribeirão Madeira, afluente do Rio Cuiabá, Mirim. V. n.º 8.

Tapira, vocábulo tupi-guarani, adotado pelos borôro para designar o gado em geral, especialmente o gado vacum; *ra*, tirar, arrancar; largar, soltar, ósso; *óia*, centro, meio, sinal, mancha, marca, rima, montículo.

95 — **Tomúgodoguejáú** — Porto à margem direita do Rio *Pogúbo*.

Rondon dá *tomúgodogue* como designativo do "*pium*" (*Tomugodogueiauo*, rio do *pium*. V. p. 138 e 147; e Colbacchini diz ser o nome do borrachudo (*tomnugu*, borrachudo. V. p. 438), nome pelo qual, como se sabe, são conhecidos no sul do Brasil diversas espécies de insetos hematófagos. *Dogue*, v. n.º 22.

96 — **Tórigáre** — Rio afluente do *Pogúbo* (Rondon). Colbacchini registra *Torigara* em vez de *Tórigáre*.

Tórigára ou *Torigáre* será o mesmo que *Tarigára*, rio a que faz referências o já citado Arcebispo de Cuiabá no prefácio de *Os Borôros Orientais*: "*Po-yereu*, que vulgarmente se alterou para *Bo-rê-rêu*, e é a substantivação de *Pobôre* ou *Porê*, mediante o sufixo *reu*, isto é, "o correr d'água", designando a conhecida corredeira do *Tarigára* (ou *Perigára*), atual galho principal do S. Lourenço". (52)

(51) V. RONDON, p. 134; e COLBACCHINI, p. 437.

(52) COLBACCHINI — obra cit., p. 14.

A se confirmar a identidade dos dois nomes, considerando-se que *Tarigára* é o mesmo que *Perigára*, podemos traduzir: rio do peixe *tuvára*, pois *perigára* é o designativo de uma espécie deste peixe (53).

97 — **Tóri-Curirêu** — “Nome próprio de um morro chamado Parredão Grande” (Colbacchini).

Tóri-curirêu (*Tori-kurirêu*), traduz-se: a pedra grande, a pedra elevada (*tóri*, pedra; *curirêu*, grande).

98 — **Tóri-Morora** — Nome de um salto d'água no rio *Cugibo* ou *Barreiro*.

Tóri, pedra, morro, colina. *Morora*, tórax; coluna vertebral; espinhaço. É possível que o topônimo derive de *tóri-mo* — “encosta do morro” (54).

99 — **Toroajari Páro** — Córrego, afluente da margem esquerda do *Pogúbo*.

Parece-nos que deve ser *toroajari paro* e não *toroajani paro*, como está na C. M. G. *Toroa*, nome de um gavião grande; *jári*, ninho.

100 — **Toroari** — Morro perto de Cuiabá. Também denominado Sto. Antônio.

Toroari, parece-nos ser composto de *toroa*, gavião (V. n.º 99), mais a partícula *ri* (v. n.º 29).

101 — **Tubóre Curirêuguejáu** — Ribeirão, afluente da margem direita do Rio *Pogúbo-Xorêu*.

Tubóre (*tubóri*) é o designativo do lambari; *curirêugue* (*curirêu*, grande; *gue*, sufixo de plural), grandes; *jáu*, rio. *Tubóre curirêuguejáu* (*Tubóre curirêuguejáu*), rio dos lambaris grandes. Colbacchini registra “*Tubore-iao*” e diz ser o nome de vários córregos; Basílio de Magalhães dá “*Tubore-au*” e traduz: “córrego muito abundante em lambaris”.

102 — **Tuborejáu Páro** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo*.

Tuborejáu (*Tuborejáu*), rio dos lambaris (v. n.º 101), *páro*, fôz, embocadura.

103 — **Túgo Páro** — “Lugar da Colônia Teresa Cristina no *Pogúbo*” (Colbacchini).

Túgo, espécie de taquara empregada na confecção das flechas; flecha. *Páro*, v. n.º 11.

104 — **Tugorêu Páro** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo*.

Tugorêu (*Tugorêu*, *Tugúrêu*), designativo do sapé. *Tugorêu paro*; ribeirão do sapé.

105 — **Tugóri** — Nome de um morro à margem esquerda do *Pogúbo-Xorêu* e de um ribeirão, afluente da mesma margem deste rio.

Na C. M. G. foi grafado *Tugore*. Supomos ser o designativo de uma espécie de cana ou taquara (*tugo*, v. n.º 104; *ri*, v. n. 29). É possível, entretanto, que seja o mesmo que *Tugorêu* — “cana brava” ou *Tuguri*, nome de uma palmeira, ambos ocorrentes em Colbacchini.

106 — **Uaiáu** — Nome de dois córregos. Um que desce do planalto em direção ao Pantanal; outro afluente do Rio Peixe de Couro. V. C. M. G.

Uaiáu parece derivar de *uái* (*uái*), jacaré, e *áu=jáu*, rio.

107 — **Uneguenoa** — Córrego, afluente da margem esquerda do *Pogúbo-Xorêu*.

(53) RONDON — obra cit., p. 127.

(54) COLBACCHINI — obra cit., p. 438.

Derivado de *uegue* (*u*, prefixo do pr. da 3.^a pes. sing. e adject. posses.; *neguê*, *nêghe*, menino), mais a partícula *nôa* (barreiro)? O barreiro (dêles) meninos?; o lambedouro dos meninos?

108 — **Úpe Équê Nôa Páro** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo-Xorêu*.

O nome d'êste rio, segundo Rondon, significa "barreiro, comida dos cágados", pois *úpe* (*uppe*) é cágado ou tartaruga do rio; *équê*, comida dêles (*e*, possessivo de 3.^a pessoa plural; *que* ou *ke*, comida); *nôa*, barreiro lambedouro.

109 — **Utoejáu** — Ribeirão, afluente da margem esquerda do Rio *Pogúbo*.

Na C. M. G. foi registrado um afluente, na margem esquerda do *Aroéparo*, cujo nome — *uteiau* — parece-nos ser o mesmo que *utoejáu* (*utoeiáua*).

Uta, segundo Basílio de Magalhães, é o nome da traíra. Rondon assevera ser o designativo do "jiju", nome, aliás, pelo qual é conhecida, na Amazônia e no Nordeste, um espécie de traíra ("Hoplerythrinus unitaeniatus").

110 — **Xibaejári** — Nome de um morro no *Pogúbo*. Colbacchini registra *Xibaeiari*. *Xibae* (*Xibbae*), arara vermelha; *jári*, ninho.

111 — **Xic-Xio-I-Páro** — Pôrto à margem esquerda do rio *Pogúbo*.

Rondon, embora sem muita certeza, pois coloca um ponto de interrogação após as palavras que traduzem *xio-xio-i*, diz ser o nome da tarumarana. Colbacchini dá apenas "*xio-xio*, uma fruta".

Os topônimos, que se seguem, não foram arrolados entre os demais em vista das dificuldades que encontramos para sua elucidação. Preferimos registrá-los desacompanhados de qualquer comentário, a apresentar traduções meramente hipotéticas:

- 1 — **Aloreboejáu páro** — Córrego, afluente da margem esquerda do *Pogúbo*. Será o mesmo que *aturebojáu*? V. n.º 13.
- 2 — **Aquidohoré** — Córrego, afluente da margem direita do Rio *Poxorêu* ou São João.
- 3 — **Aquinabo** — Nome, em bordô, do Rio Peixe de Couro.
- 4 — **Bachiai — paga — curêu** — Córrego, afluente da margem esquerda do *Pogúbo*.
- 5 — **Baecujagure** — Nome de um morro.
- 6 — **Baraga** — Idem.
- 7 — **Biquiriogo** — Idem.
- 8 — **Birigue** — Córrego, afluente da margem esquerda do *Pogúbo*.
- 9 — **Boigure** ou **Boiguto** — Córrego, afluente do córrego *Runac-Kend* (?)
- 10 — **Buiêgueau** — Córrego, afluente da margem esquerda do Rio Itiquira. O mesmo que *Buioguejáu*? V. n.º 21.
- 11 — **Cadopare** — Nome de um morro.
- 12 — **Cogôrareu** — Ribeirão Piraputanga, afluente da margem direita do *Pogúbo-Xorêu*.
- 13 — **Corau Conoa** — Córrego, afluente do Rio Peixe de Couro.
- 14 — **Potajare** — Córrego, afluente da margem direita do *Pogúbo*.
- 15 — **Tribiau** — Córrego, afluente da margem esquerda do *Pogúbo-Xorêu*.
- 16 — **Tumudoguanu** — Também conhecido pelo nome de Ribeirão dos Índios, afluente do Rio das Graças.